

Notas sobre a linguagem – de “O sopro vital”

Luiz Costa Pereira Junior¹

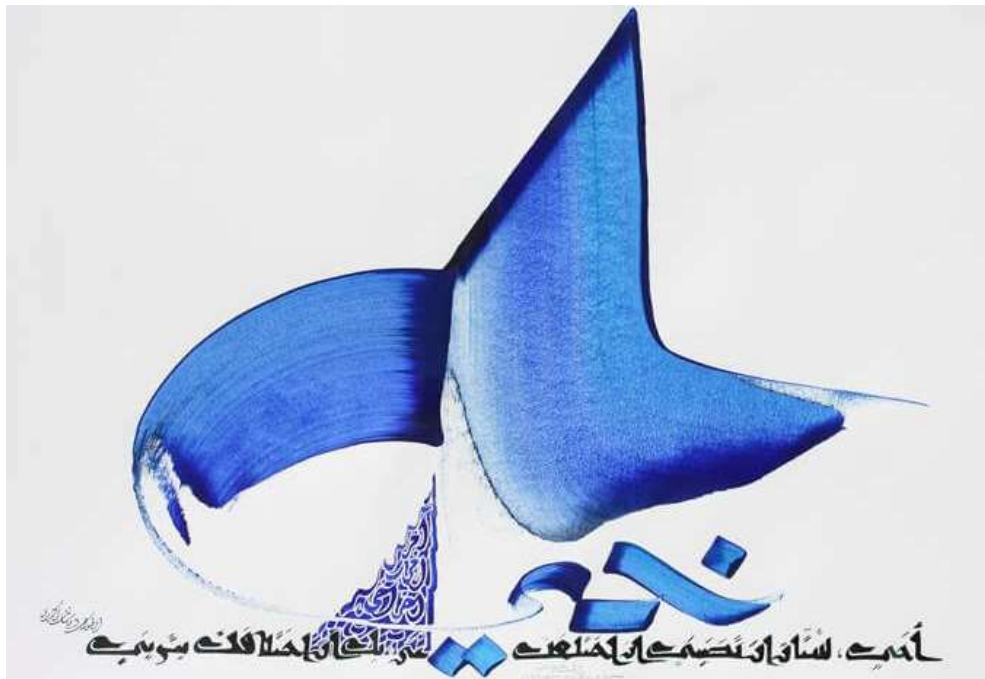
Resumo: (dos editores) Neste número e no anterior, antecipamos alguns estudos do monumental livro ainda inédito “O Sopro vital” de Luiz Costa, um dos mais notáveis linguistas em língua portuguesa. O livro consta de cerca de 500 pequenos estudos nos quais o autor repropõe os mais variados *insights* de outros autores e de sua própria lavra sobre as línguas e a linguagem.

Palavras Chave: linguagem. línguas. visão de mundo. antropologia.

Abstract: In this and in the previous issue the editors are honoured to present some studies of the coming soon book “O Sopro vital” by Luiz Costa on language and anthropology.

Keywords: language. anthropology. Weltanschauung.

Caligrafia do encontro



Se você é diferente de mim, meu irmão, longe de me alarmar, você me enriquece.

¹. Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Fundador e diretor da revista “Língua Portuguesa” da Editora Segmento.

As palavras do autor de *O pequeno príncipe* ganham o movimento pictórico da escrita árabe de Hassam Massoudy (1944-), o iraquiano que fez da mistura e da confluência as matérias-primas da imaginação caligráfica.

A palavra é o estado da arte na cultura árabe.

Têm má reputação no Islã as pinturas que enganam o olho, as miragens que ludibriam a sede e os totens que sempre terminam por mostrar que não há divindades por trás das imagens que elas representam.

Num mundo de introspecção cortada pela prece avançou um povo desconfiado do visível.

Investida da função de revelar ao mundo a palavra de Alá, a escrita árabe impõe a reação harmonizada de elementos que respondem a relações exatas.

O Corão não pode ter imagens, daí a decoração geométrica que enlaça fios e elementos não figurativos em muitas de suas páginas.

Massoudy segue a grande tradição da caligrafia árabe, mas fazendo das palavras uma combinação de culturas.

Radicado na França, ele traduz poemas orientais para olhos ocidentais, dá sinuosas ou cortantes linhas a mensagens tiradas de livros e escava a alma árabe de ilustres europeus e asiáticos – do filósofo grego Sócrates ao cientista alemão Einstein, de Goethe a André Gide e Khalil Gibran.

Com seu pincel e suas penas de junco, Hassam Massoudy entende que a sabedoria e a receptividade não são dunas de um único povo, areias de um só lugar ou ilha isolada de uma geração.

O movimento que serpenteia o papel – o melhor – é aquele que une.

Fonte: Aida Ramezá Hanania. *A caligrafia árabe*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Mirim

moleque

A palavra tem carne africana, mas alma americana, e tem tantas facetas quanta a infância que ela nomeia.

Na forma, “moleque” carrega a África consigo.

O quimbundo “mulêke” nomeava todo tipo de garoto, em especial o usado como criado em tarefas menores do cotidiano. A palavra tinha um sentido parecido ao que o idioma quicongo dava a “nleke” (ou “nlêke”, “n’leke”, “baleke”), o aprendiz, discípulo, ajudante jovem, e o irmão menor ou sobrinho.

O termo sentiu o golpe da travessia até o Brasil. Seus sentidos se embaçaram e ele ganhou propriedades para cada necessidade do momento.

Na era da escravidão, era o modo branco de insultar os negrinhos libertos.

A missão seguinte da palavra “moleque” foi buscar o sentido de “atitudes indóceis ou irresponsáveis, a serem domadas”, como um senhor domava seus escravos.

Quando usado para nomear um adulto, o termo passou a fazer referência à pessoa sem palavra e gravidade, um canalha.

Para garotos e garotas, o termo manteve o lúdico sentido de “gaiato, brincalhão” e passou a nomear não só a criança como a criança, tanto o menino de pouca idade de qualquer classe social como aquele que foi criado na rua.

Ao longo do tempo, a palavra gerou filhotes brasileiros, de significantes “molecada” (muitos moleques reunidos) a “molecagem” (brincadeira infantil feita qualquer que seja a idade da pessoa), e de significados, da imaturidade (“Você é um moleque”) à mera interjeição (“Ah, moleque!”, em sinal de apoio a uma atitude).

Indiferente à cor da pele, “moleque” não mais remete à realidade de sentidos que tinha na África ou na época da escravidão.

Ganhou pluralidade.

Fonte: Emílio Bonvini. “Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil”. Tradução de Margarida Petter. In: José Luiz Fiorin; Margarida Petter (orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo, Contexto, 2008: 139-143.

Jogos de linguagem

A língua é um sistema, mas talvez seja mais preciso dizer que é uma rede de sistemas, ora uma constelação ora uma sobreposição de jogos de linguagem.

Sistema gramatical, claro; mas sistema de interpretações e atos de fala, de juízos e certezas. Nossos raciocínios, nossas convicções e dúvidas formam um sistema, em que conclusões e premissas se apoiam umas às outras.

Este sistema responde por uma interpretação especial, em que toda proposição formulada aponta para o mesmo terreno cognitivo, a tendência geral da mente e da sensibilidade, de emoções, reações e raciocínio.

O significado de uma palavra é um gênero de uso: o sentido se dá no uso inteiro da palavra na língua, as circunstâncias e o propósito que justificam usá-la.

Seu significado são todas as coisas que aprendemos quando a palavra é incorporada a nosso vocabulário.

Wittgenstein: Quando a criança aprende a linguagem descobre ao mesmo tempo o que deve e não deve ser investigado. Ela não aprende só que “aquilo” é [poltrona], mas aprende a sentar-se nela, a saber o lugar dela na casa, quem tem o direito de usá-la, suas diferentes significações na cultura (trono, sedentarismo, hierarquia familiar, etc.).

Aprender a palavra “poltrona” é adquirir crenças sobre poltronas. Deve haver muitas verdades aceitas no sistema “poltrona” antes que se conteste alguma das crenças que aprendemos ao absorver a palavra.

Ao construir na mente o sistema “poltrona”, atribuímos propriedades a ele, que carregamos ao aplicá-lo ao caso em particular, transformando o caso em ente que tem suas propriedades, mesmo que nem todas.

O sentido que damos a um caso, por sua vez, integra a cadeia de casos. Tudo o que dizemos adquire significado a partir do restante de nossos procedimentos, do rastro de nossas práticas linguísticas, do caminho que adotamos até o momento em que dizemos algo, em contextos sociais só possíveis naquelas coordenadas, tendências de comportamento e ênfases culturais. E esses procedimentos fazem com que reanalise as palavras, sintaxes, construções de linguagem com que construímos nossas interações.

Se imaginamos os fatos diferentemente daqueles a que nos habituamos a imaginá-los, certos jogos de linguagem perdem sua importância e outros se tornam relevantes.

É então que ocorre uma mudança gradual na linguagem.

Fonte: Ludwig Wittgenstein. *Da certeza*. Bilíngue, Trad. António Fidalgo. Lisboa: Edições 70, 2000: 31-78.

A deusa da poda

Arnobius de Sicca, o apologista africano do cristianismo dos primórdios, responde à perseguição de Diocleciano difamando as divindades romanas. Ó, romanos, príncipes e senhores do mundo, teus deuses inspiram as blasfêmias de teu povo ou Roma se inspira nos vícios para inventar suas divindades?

Ao morrer, no ano 330, Arnobius deixou sete livros que chamou *Contra os pagãos*. Neles, o autor desanca o bufão Júpiter, a ridícula Minerva e a multidão de divindades criadas só pela força do nome. Estão lá a Piedade e a Concórdia, a Segurança e a Fortuna, e todas aquelas que reinam sobre as delícias básicas e imundas: a Vênus Militaris soberana do mal-fazer; a Perfica que torna os deleites ininterruptos; e essa deusa agrícola menor, que preside a poda das árvores. Puta é seu nome.

A obra de Arnobius, impressa em 1542 com o título *Arnobii disputationum adversus gentes*, é uma das únicas menções existentes à deusa romana das podas. Arnobius falava, obviamente, daquilo que era corrente em seus tempos. “Putare” em latim, como se sabia em sua época, significava “podar”, limpar o excesso, cortar os galhos supérfluos para que a árvore frutificasse melhor.

“Putare” é podar. “Amputar” é cortar fora. “Disputar” até partir ao meio. Asséptico, “putare” possuía ainda o sentido de “saldar a dívida”, limpar-se de credores. Por extensão, “pesar”, “avaliar”, “estimar”.

Pensar, enfim. Para podar é preciso julgar, avaliar os ramos a fim de selecionar os mais viçosos. Um raciocínio limpo, bem tosado, é “putare”. “Putar”, ato de raciocínio. Daí “computar” ser ordenar, contar, e “reputação” ser aquilo que pensam de nós. É preciso tosar o raciocínio para melhor frutificá-lo.

Tudo em “putare” remete à delimitação, ao corte, ao ordenamento, ao ato de demarcar dimensões máximas a algo ou compactar uma entidade. Era de se esperar que o latim vulgar desse novos rumos ao termo. “Putta”, com consoantes gêmeas, era sinônimo de “menina”, feminino de “puttu”, infante. “Putus” é diminutivo de “pusus” (menino), mesma raiz de “pusilânime” (covarde), do latim tardio “pusillanimis”, que veio de “pusillus” (pequeno, débil). Em algum momento da sociedade romana antiga, a palavra “putta” teria sido aplicada à donzela, à menina, à miniatura de mulher e expressão de inequívoca inocência.

Sinuosas são, portanto, as estradas que fazem da juventude um afrodisíaco e do amor, profissão. Nas rodas alcoviteiras, nas conquistas mediterrâneas, entre a elite e o baixo latim do povo, pelas línguas românicas e mesmo não românicas (como o alemão), disseminou-se a ponte entre donzelas e meretrizes.

O alemão “dirne” e o francês “fille” servem tanto para falar de uma menina quanto de uma prostituta. O italiano antigo “putto” era um dos nomes para “menino”. Na Espanha do século XV, o termo “puto” equivalia a “sodomita”. No cotidiano dos séculos, “puta” e “putta” terminaram por fundir sentidos, e consagraram um significado preferencial às putas – o de mulheres sábias nos fazeres do prazer.

Fontes: Arnobius. *The seven books*. Vol. IV. Edinburgh: T&T Clark, 1869: 190. <https://archive.org/details/thesevenbooksofa00arnouoft/page/n9>. e também: <http://www.intratext.com/IXT/ENG1008/> Bruno Fregni Bassetto. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 1ª reimpressão, 2001: 95. / Tassilo Orpheu Spalding. *Dicionário da mitologia latina*. São Paulo: Cultrix, 1993: 118./ Joan Corominas. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Editorial Gredos, 9ª. Reimpresión, 1998: 484.

Revelar ocultando

O rabi Joshua Bar-Yosef acaba de encantar os ouvintes com suas histórias.

– Quem pode ouvir, ouça – encerra ele pouco depois, com um gesto dramático.

Discretamente, seus prediletos se aproximam dele:

– Por que o senhor ensina a essas pessoas usando histórias?

– Somente a vocês é dado o privilégio de conhecer as verdades secretas. A eles, não. Pois quem tem, receberá ainda mais e em abundância. Mas quem não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso ensino a eles por parábolas: eles olham, mas não vêem; ouvem, não entendem.

A revelação de um argumento por meio de uma história era chamada pelos gregos de παραβολή (“paravolí”, parábola, desvio de caminho), um gênero asiático, usado por filósofos cínicos da Grécia, por Confúcio, por gurus da Índia e sufis do Islã, pelos rabinos e hebreus que escreveram o *Gênesis* e por Joshua Bar-Yosef, mais conhecido entre nós como Jesus.

Parábolas eram disfarces úteis para os antigos profetas de Israel, que queriam inflamar a resistência em territórios ocupados por exércitos estrangeiros ou simplesmente passar mensagens em ambientes em que conteúdos podiam ser monitorados pelas autoridades políticas e religiosas.

Histórias cifradas dizem muitas coisas simultaneamente. Elas são criadas para resistir a interpretações estritas.

Sua força está em ficar sempre disponível à próxima verificação. Ela faz o pensamento durar mais tempo, sem os desgastes da crítica alheia.

Uma verdade é revelada de maneira velada para que uma variedade de interpretações sejam possíveis, pois da pesca narrativa se fisgará um princípio geral.

A mensagem nunca é linear, não se produz por uma cadeia de raciocínios cartesianos.

Ela é uma linguagem de poetas, de quem cria discursos alternativos, em que um nome não é só um nome e uma palavra pode ser mais do que o conjunto de suas partes ou do que todo o seu sentido convencional.

Daí talvez venha o vigor de sua permanência.

Fontes: Paulo Leminski. *Vida: Cruz e Souza, Bashô, Jesus, Trótski*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013: 192-198. / *Evangelho segundo Mateus* 13: 10-15. Novo Testamento.

Recebido para publicação em 15-06-19; aceito em 19-07-19